Diplotropis Bentham (LEGUMINOSAE - FABOIDEAE) - ESTUDO DOS TÁXONS INFRAGENÉRICOS.

Haroldo Cavalcante de Lima (*)

RESUMO

No presente trabalho, são analisados e discutidos os táxons infragenéricos de ***Diplotropis*** *Bentham (Leguminosae - Faboideae) - Tribo Sophoreae s. lato. Uma nova seção (Sect.* ***Racemosae*** *Lima) é descrita e são apresentadas chaves para identificação das seções, espécies e variedades.*

INTRODUÇÃO

Diplotropis Bentham é um gênero da família Leguminosae, cujas espécies são árvores produtoras de excelente madeira e com distribuição geográfica exclusivamente neotropical. Desde a sua criação por Bentham (1837), vários novos táxons têm sido descritos, promovendo importantes alterações no seu conceito genérico. Em conseqüência disto, aliado a escassez de informações sobre algumas espécies, a taxonomia do grupo tem-se tornado muito confusa, principalmente em relação às categorias infragenéricas.

Assim, visando a reorganizar o gênero e solucionar alguns problemas nomeclaturais foram analisadas as principais características morfológicas das seções, espécies e variedades.

Na realização do presente trabalho, a maioria das espécies foi estudada em seus habitats naturais e examinadas as exsicatas depositadas nos herbários abaixo relacionados:

A - Arnold Arboretum, Harvard University, U.S.A.
B - Botanisches Museum, Federal Republic of Germany.
C - Botanical Museum and Herbarium, Denmark.
CAY - Centre Orstrom de Cayenne, Guiane Française.
CEPEC - Centro de Pesquisas do Cacau, Brasil.
COL - Universidade Nacional, Colombia.
F - Field Museum of Natural History, U.S.A.
GH - Gray Herbarium, Harvard University, U. S. A.

(*) Jardim Botânico do Rio de Janeiro e bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

HB - Herbário Bradeanum, Brasil.
IAN - Centro de Pesquisas Agropecuária do Trópico Úmido, Brasil.
INPA - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Brasil.
IPA - Instituto de Pesquisas Agronômicas, Brasil.
M - Botanische Staatssammlung, Federal Republic of Germany.
MG - Museu Paraense Emílio Goeldi, Brasil.
MO - Missouri Botanical Garden, U. S. A.
NY - New York Botanical Garden, U. S. A.
R - Museu Nacional, Brasil.
RB - Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Brasil.
S - Swedish Museum of Natural History, Swedem.
SP - Instituto de Botânica de São Paulo, Brasil.
U - Institut for Systematic Botany, Netherlands.
UB - Universidade de Brasília, Brasil.
UC - University of California, U. S. A.
US - United States of National Herbarium, U.S.A.
VEN - Instituto de Botânica, Venezuela.

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS SEÇÕES DE Diplotropis

A primeira organização de **Diplotropis** em categorias supraespecíficas surgiu com Bentham (1862), que baseado nas características do cálice e da corola, dividiu o gênero nas seções **Diplotropis** e **Clathrotropis**. Posteriormente, Harms (1901) elevou esta última ao nível de gênero, o que tem sido aceito pela maioria dos botânicos.

Após os trabalhos de Ducke (1915, 1922 e 1938), reduzindo **Diplotropis** à seção de **Bowdichia**, o gênero foi reabilitado por Amshoff (1939), que utilizou a morfologia dos frutos (consistência lenhosa ou membranácea e o número de sementes) para distinguir duas seções: **Eudiplotropis** e **Dibrachion**. Este mesmo ponto de vista, incluindo apenas algumas alterações nomenclaturais, tem sido aceito por Yakovlev (1972) no mais recente estudo sobre o gênero.

Uma análise da morfologia das flores e frutos de **Diplotropis** demonstrou que os caracteres utilizados na distinção de suas seções apresentavam uma ampla variação, inclusive dentro de uma mesma espécie. Como resultado de tal análise e da seleção de outros caracteres mais definidos e constantes, propõe-se uma nova organização para o gênero:

Seção I. **Diplotropis** Bentham (Fig. 1)

. **Dibrachion** Tul. Ann. Sci. Nat. (Paris) ser. 2, 20: 138. 1843.
Diplotropis Sect. **Dibrachion** (Tul.) Taub. emend. Amsh. Meded. Bot. Mus. Utrecht 52:43. 1939.

Folhas 3-15 folioladas, folíolos frequentemente maiores do que 4 cm de comprimento. Panículas piramidais e flores sem estaminóidios.

TIPO: **D. martiusii** Benth.

Seção II. **Racemosae** Lima sect. nov. (Fig. 2)

Folia 11-19 foliolata, foliolis usque 4 cm longis. Racemi vel paniculae corymbosae, floribus staminodiis.

Folhas 11-19 folioladas, folíolos até 4 cm de comprimento. Racemos ou panículas corimbosas e flores com estaminódios.

Tipo: **D. racemosa** (Hoehne) Amsh.

CHAVE PARA IDENTIFICAÇÃO DAS ESPÉCIES DE Diplotropis

1. Inflorescência do tipo panícula piramidal. Flores sem estaminódios (Seção **Diplotropis**)

2. Frutos de consistência membranácea a rígido-coriácea (samaroides).

3. Indumento do final dos râmulos, da inflorescência e do cálice cano ou fulvo.

4. Frutos de consistência rígido-coriácea.
3. **D. rigidocarpa** Lima

4'. Frutos de consistência membranácea ou tênue-cartácea.

5. Folíolo glabro ou raramente esparso-pubescente na face dorsal.
1. **D. purpurea** (Rich.) Amsh.

5'. Folíolo viloso ou esparso-viloso na face dorsal.
2. **D. rodriguesii** Lima

3'. Indumento do final dos râmulos, da inflorescência e do cálice fusco ou ferrugíneo.

6. Flores maiores que 14 mm de comprimento.
4. **D. strigulosa** Cowan

6'. Flores menores que 14 mm de comprimento.

7. Folíolo viloso ou denso-viloso na face dorsal. Inflorescência e flores com indumento viloso.

8. Flores com 12-13 mm de comprimento (Peru).
5. **D. peruviana** Macbr.

8'. Flores com 10-11 mm de comprimento (Brasil: Minas Gerais e Bahia).

6. **D. ferruginea** Benth.

7'. Folíolo glabro ou pubescente na face dorsal. Inflorescência e flores com indumento tomentoso ou glabrascente.

9. Flores com 12-13mm de comprimento. Folíolos coriáceos.

7. **D. triloba** Gleason

9'. Flores com 9-11 mm de comprimento. Folíolos membranáceos e subcoriáceos.

10. Frutos com até 7 cm de comprimento. Inflorescência fusco-tomentosa com ramos laxos e flexuosos.

8. **D. brasiliensis** (Tul.) Benth.

10'. Frutos maiores que 7 cm de comprimento. Inflorescência ferrugíneo-tomentosa com ramos congestos e erectos.

9. **D. incexis** Rizz. & Matt.

2'. Frutos de consistência lenhosa (nucoides).

10. **D. martiusii** Benth.

1'. Inflorescência do tipo rácemo ou panícula corimbosa. Flores com estaminódios (Seção **Racemosae**).

11. Panículas corimbosas. Folíolos 15-17. Frutos de consistência membranácea com até 12 cm de comprimento.

11. **D. duckei** Yakovl.

11'. *Rácemos. Folíolos 11-13 ou raramente mais. Frutos* de consistência coriácea ou lenhosa com até 9 cm de comprimento.

12. **D. racemosa** (Hoehne) Amsh.

Seção I. **Diplotropis**

1. **Diplotropis purpurea** (Richard), Amshoff, Meded. Bot. Mus. Utrecht, 52: 44. 1939.

Esta espécie é facilmente reconhecida por suas inflorescências compostas de numerosos rácemos congestos, providos de indumento fulvo, cano-tomentoso ou raramente glabrescente e, pelos frutos de consistência menbranácea ou tênue-cartácea. Como a maioria das espécies que apresenta uma ampla distribuição, possui considerável grau de variabilidade. A morfologia das flores e dos folíolos permite distinguí-la em dois grupos geograficamente distintos, embora na região de contato entre ambos freqüentemente se observa uma superposição de caracteres. Uma análise dos dois grupos demonstrou que são populações ainda em especiação e que taxonomicamente podem ser definidas como variedades

Chave para identificação das variedades de **D. purpurea**:

1. Folíolos coriáceos com nervuras secundárias e terciárias proeminentes na face ventral e com ápice freqüentemente obtuso ou retuso. Flores com 10-15 cm de comprimento; cálice coriáceo ou crasso-coriáceo.

1A. **D. purpurea var. purpurea**

1'. Folíolos cartáceos, rígido-membranáceos ou membranáceos com nervuras secundárias e terciárias impressas ou prominulas na face ventral e com ápice freqüentemente agudo ou acuminado. Flores com 9-11 mm de comprimento; cálice tênue-coriáceo.

1B. **D. purpurea** var. **leptophylla** (Kleinh.) Amsh.

1A. **Diplotropis purpurea** var. **purpurea** (Richard) Amshoff.

Tachigalia? purpurea Rich., Act. Soc. Hist. Nat. Paris 1:108. 1792.
Dibrachion guianense Tul., Sci. Ann. Sci. Nat. (Paris) ser. 2, 20:139. 1843.
Tipo: o mesmo de **D. purpurea**.

Tipo: **Bompland s/n.** Leblond, Guiana Francesa (holótipo P, isótipo G).

Árvore grande com 20-40 m de altura; tronco com 30-100 cm de diâmetro. Folíolos coriáceos, obovados ou obovado-oblongos, raramente oblongo-lanceolados ou ovado-lanceolados, (6-) 9-11 (-14) cm de comprimento e (2-) 3-5 (-7) cm de largura; ápice obtuso ou retuso, raramente agudo; base aguda ou raramente obtusa; face ventral opaca ou subnítida, glabra; face dorsal opaca, glabra ou raramente esparso-pubescentes; nervuras secundárias e terciárias muito proeminentes na face ventral. Flores com 10-15 mm de comprimento, pedicelos com 2-3 mm de comprimento; hipanto com 2-3 mm de comprimento; cálice coriáceo ou crasso-coriáceo, 4-5 mm de comprimento; vexilo com 7-9 mm de comprimento e 3,5-4,5 mm de largura; alas e peças da carena com 8-11 mm de comprimento e 3-4 mm de largura.

Nome vulgar: Tatabu e takabu (Guiana); coeur dehors e baaka kiabici (Guiana Francesa); zwarte kabbes e kanoto ajoe (Suriname); congrio, arucu-tu-yec e cachicamo monta (Venezuela).

Esta variedade é muito freqüente nas matas de terra firme no noroeste da hiléia amazônica (Colômbia, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa, Suriname e provavelmente no extremo norte do Brasil).

1B. **Diplotropis purpurea** var. **Leptophylla** (Kleinhoonte) Amshoff. Meded. Bot. Mus. Utrecht 52:44. 1939.

Diplotropis leptophylla Kleinh., Rec. Trav. Bot. Neerl. 22:392. 1925.
Diplotropis purpurea f. **leptophylla** (Kleinh.) Yakovl., Novost. Sist. Vyssh. Rast. 9:199. 1972.

Bowdichia brasiliensis var. **belemnensis** Ducke, Arch. Jard. Bot. Rio de Janeiro 5:132. 1930. Tipo: **A. Ducke s/n.** Estr. Ferro do Pinheiro, Belém, Pará. 20.XI.1926 (lectótipo RB).

Diplotropis purpurea var. **belemnensis** (Ducke) Amsh., Meded. Bot. Mus. Utrecht, 55:44. 1939.

Tipo: **J. W. Gonggrijp** (Herb. Boschwezen 5508). Jodensavanna, Suriname. XI.1921 (lectótipo U - material não visto).

Árvore grande ou mediana com 10-30 m de altura; tronco com 12-50 cm de diâmetro. Folíolo cartáceos, rígido-membranáceos ou membranáceos, oblongos, ovado-oblongos, oblongo-lanceolados ou ovado-lanceolados, (4-) 6, 5-12 cm de comprimento e (2-) 3,5-6 cm de largura; ápice agudo ou acuminado; base obtusa, arredondada ou levemente cordada, raramente aguda; face ventral nítida ou subnítida, glabra; face dorsal opaca ou subnítida, glabra ou esparso-pubescentes; nervuras secundárias e terciárias impressas ou proeminulas na face ventral. Flores com 9-11 mm de comprimento; pedicelos com 1,5-2 mm de comprimento; hipanto com 1,5-2 mm de comprimento, cálice tênue-coriáceo, 3,4 mm de comprimento; vexilo com 6-8 mm de comprimento e 3-4 mm de largura; alas e peças da carena com 7-10 mm de comprimento e 3-3,5 mm de largura.

Nome vulgar: Sucupira, sapupira e sucupira preta (AM e PA - Brasil); sucupira amarela (AC - Brasil); coeur dehors e kiabici-baaka (Guiana Francesa); zwarte kabbes e konoto & ajoe (Suriname).

Esta variedade é freqüente nas matas de terra firme ou em capoeiras oriundas destas formações, desde a Amazônia guianense até a sua área mais ocidental na fronteira do Brasil com o Peru. Recentemente foi, também, encontrada nas regiões elevadas da Serra do Cachimbo (Mato Grosso).

D. purpurea var. **leptophylla** está relacionada, também, com **D. rodriguesii**, porém dela se distingue pelos folíolos cartáceos a membranáceos, glabros ou esparso-pubescentes no dorso.

2. **Diplotropis rodriguesii** Lima, Bradea 3(24): 188. 1981.

Tipo: **W. Rodrigues & D. Coêlho 9694.** Perto do Depósito de Inflamáveis, Sede do INPA, Manaus, Amazonas, Brasil. 26.II.1977, (holótipo INPA, isótipo MG, RB); **W. Rodrigues et al.** 9097. Estrada Manaus-Itacoatiara km 64, Reserva W. Egler, Manaus, Amazonas, Brasil, 05.VI.1973 (parátipo INPA).

Espécie ocasional nas matas de terra firme e capoeiras da Amazônia Central (Manaus e arredores) com grande afinidade com **D. purpurea** var **leptophylla**, da qual é bem distinta, principalmente, pelos folíolos subcoriáceos com indumento viloso ou esparso-viloso na face dorsal.

D. rodriguesii foi inicialmente citada como **D. ferruginea** (Rodrigues, 1974). Entretanto, esta espécie é facilmente reconhecida pelas flores menores providas de indumento fulvo-tomentoso e pelos folíolos glabros ou esparso-viloso na face dorsal.

3. **Diplotropis rigidocarpa** Lima, Bradea 3(24): 187. 1981.

Tipo: **B. Maquire** & **D. B. Fanshare** 23210. Kaieteur Savannas, Kaieteur Plateau, Guiana. 04.V.1944 (holótipo RB, isótipo A, MO, NY, VEN); **N. Y. Sandwith 1398**. Kaieteur Savannah Guiana. 06.IX.1937 (parátipo K, isoparátipo NY, S).

Esta espécie, até o momento, só foi encontrada em sua localidade típica e arredores, onde é ocasional nos bordos das formações savanícolas e nas matas ciliares(Guiana).

D. rigidocarpa mostra grande afinidade com **D. purpurea** var. **purpurea**, da qual é muito distinta pelos frutos coriáceos e pelas flores levemente maiores.

4. **Diplotropis strigulosa** Cowan, Mem. New York Bot. Gard. 10 (1): 151. 1958.

Tipo: **R. S. Cowan** & **J. J. Wurdack 31362**. Cerro Paru, Terr. Amazonas, Venezuela. 10.II.1951 (holótipo NY, isótipo F, RB, S, UCA, US, VEN); **Idem, R. S. Cowan** & **J. J. Wurdack 31392**. 12.II.1951 (parátipo NY, isoparátipo US, VEN).

Esta espécie só é conhecida em sua localidade típica, onde é ocasional nas formações florestais de grande altitude (Venezuela).

D. strigulosa é facilmente reconhecida pelas suas flores grandes (15-16 mm de comprimento) e pelo indumento ferrugíneo-viloso dos ramos da panícula, brácteas,bractéolas e cálice.

5. **Diplotropis peruviana** Macbride, Field Mus. Nat. Hist., bot. 13(3.1): 246. 1943.

Tipo: **C. Schunke 325**. Chanchamayo Valley, Dept. Junín, Peru, XI.1924-1927(holótipo F).

D. peruviana, até o momento, é conhecida apenas em sua localidade típica. É uma espécie muito pouco estudada e com delimitação ainda imprecisa, devido ao parco material botânico existente. Apresenta grande afinidade com **D. triloba** e **D. strigulosa**, das quais é distinta apenas pelos folíolos menores e geralmente vilosos na face dorsal. O estudo de novas coleções ou observações da planta em seu habitat natural são necessárias para a elucidação dos problemas taxonômicos desta espécie.

6. **Diplotropis ferruginea** Bentham, Mart. Fl. Bras. 15(1):321. 1862.

Bowdichia ferruginea (Benth.) Ducke, Arch. Jard. Bot. Rio de Janeiro, 1:32. 1915.
Diplotropis taubertiana Harms, Bot. Jahrb. 33(72):26. 1903. Tipo: **Glaziou 14668**. Brasil, Minas Gerais, entre Rio manso e Arassay. IX.1882 (holótipo B, isótipo K, NY, W).
Bowdichia taubertiana (Harms) Ducke, Arch. Jard. Bot. Rio de Janeiro, 1:32. 1915.
Hymenolobium ormosioides Benth., Mart. Fl. Bras. 15(1):321. 1862.

Tipo: **Sellow s/n**. Serra do Itambé, Minas Gerais, Brasil. (Lectótipo B, isolectótipos F, G, K).

Nome vulgar: Sucupira e sucupira preta (MG - Brasil).

Espécie ocasional nas matas secas e baixas (Floresta Estacional Latifolia Caducifólia Não Espinhosa; Andrade-Lima, 1966), situadas entre as formações xerófilas e mesófilas da costa atlântica e ocupando uma área desde o noroeste de Minas Gerais (Vale do rio Jequitinhonha) até o sudoeste da Bahia (Vitória da Conquista). Raramente, pode ser encontrada nas áreas de transição mata-caatinga.

D. ferruginosa mostra grande afinidade com **D. incexis**, da qual é distinta pelo indumento ferrugíneo-viloso dos ramos da panícula e do cálice. A morfologia do seu fruto jovem, mostra alguma semelhança com o de **D. brasiliensis**.

Macbride (1943) e Cowan (1958) apontaram **D. peruviana** e **D. strigulosa**, respectivamente, como espécies afins de **D. ferruginea**. Entretanto, tal afinidade é apenas aparente, pois nos caracteres florais, elas são bem distintas.

Rodrigues (1974) apresentou uma detalhada descrição do fruto de **D. ferruginea**, porém foi verificado que o material utilizado em seu estudo pertence a **D. rodriguesii**, uma espécie amazônica posteriormente descrita por Lima (1981).

7. **Diplotropis triloba** Gleason, Bull. Torrey Bot. Club. 60:355. 1933.

Bowdichia brasiliensis var. coriacea Ducke, Arch. Jard. Bot. Rio de Janeiro 5:132. 1930. Tipo: **Ducke s/n**. Brasil, Faro, lago Maracanã. 21.II.1915 (holótipo MG, isótipos (NY, RB).

Diplotropis purpurea var. **coriacea** (Ducke) Amsh., Meded. Bot. Mus. Utrecht 55:45. 1939.

Diplotropis purpurea f. **coriacea** (Ducke) Yakovl., Nosvost. Sist. Vyssh. Rast. 9:199. 1972.

Tipo: **B.A. Krukoff 1562**. On "terra firme" near the source of Jatuarana river, Machado river region, Mato Grosso, Brasil. 7.XII.1931 (holótipo NY, isótipos MO, S, UC).

Nome vulgar: Sucupira, sucupira preta e *sapupira (AM-Brasil)*.

Espécie freqüente nas matas de terra firme da Amazônia Central (Manaus e Parintins). Com menor freqüência, pode ser encontrada no sul do Pará e norte do Mato Grosso. Nos arredores de Faro aparece em matas baixas, junto de algumas campinas.

Gleason (1933) ao descrever a presente espécie citou, além do holótipo, uma segunda coleção (**Krukoff 1380**), que deve ser classificada como um parátipo. Após o exame da referida coleção, constatou-se que ela pertence a **D. purpurea** var. **leptophylla**.

D. triloba tem sido referida por alguns botânicos como um táxon infraespecífico de **D. brasiliensis** (Ducke, 1930) ou mais recentemente de **D. purpurea** (Amshoff, 1939; Yakovlev, 1972). Entretanto, as diferenças marcantes na morfologia das flores e dos frutos, levaram-nos a situá-la mais satisfatoriamente no nível de espécie, reabilitando assim o epíteto de Gleason. Suas afinidades com **D. brasiliensis** e **D. purpurea** são bem evidentes, porém delas se distingue pelas flores maiores e pelos folíolos coriáceos.

8. **Diplotropis brasiliensis** (Tuslane) Bentham, Mart. Fl. Bras. 15(1):320. 1862.

Dibrachion brasiliensis Tul., Ann. Sci. Nat. (Paris). Ser. 2, 20:139. 1843.
Bowdichia brasiliensis (Tul.) Ducke, Arch. Jard. Bot. Rio de Janeiro, 1:31. 1915
Diplotropis purpurea var. **brasiliensis** (Tul.) Amsh. Meded. Bot. Mus. Utrecht 52:45. 1939.
Diplotropis purpurea f. **brasiliensis** (Tul.) Yakovl., Novost. Sist. Vyssh. Rast. 9:199. 1972.

Tipo: Pará, Brasil (holótipo P). Provavelmente é um material coletado por Alexandre Rodrigues Ferreira.

Nome vulgar: Sapupira e sucupira (AM e PA - Brasil).

Esta espécie é muito freqüente nos campos e campinas amazônicas. Foi também encontrada no noroeste de Mato Grosso e em Rondônia, habitando as matas baixas junto aos campos e cerrados da Serra dos Pacaás Novos. Nas cercanias de Manaus, ocorre, ocasionalmente, nas matas e capoeiras de terra firme sobre solo arenoso.

D. brasiliensis tem sido referida por diversos botânicos (Ducke, 1930; Amshoff, 1939; Yakovlev, 1972) como um táxon infraespecífico. Entretanto,as diferenças na morfologia das inflorescências, flores e frutos são suficientes para mantê-la na categoria de espécie, como propôs Bentham (1862). É facilmente reconhecida pelos seus frutos tênue-coriáceos com 4-7 cm de comprimento e pelas suas panículas compostas de racemos laxos e flexuosos.

9. **Diplotropis incexis** Rizzini & Mattos, An. Acad. Bras. Ciências 40 (2): 232. 1968.

Tipo: **A. P. Duarte 6829**. km 10 da BR-5, Porto Seguro, Bahia, Brasil.24.VI.1962(holótipo RB, isótipos HB, NY); **A. Mattos & C. T. Rizzini 453**. Mata da INCEX, Curumuxatiba, Bahia, Brasil. 27.X.1965 (parátipo RB).

Nome vulgar: Macanaiba marreta (ES - Brasil); sucupira (BA - Brasil); sucupira-açu (PB e PE - Brasil).

Espécie ocasional nas formações florestais (Floresta Perenifólia Latifoliada Higrófila Hileana Bahiana ; Andrade-Lima, 1966) do sul da Bahia e norte do Espírito Santo. Nos Estados de Pernambuco e Paraíba, ela foi encontrada nas matas de encosta e brejos (Floresta Perenifólia Latifoliada Higrófila Costeira ; Andrade-Lima, 1966) e nas capoeiras oriundas desse tipo de formação.

D. incexis apresenta grande afinidade com **D. ferruginea**, da qual se distingue, particularmente, pelo indumento ferrugíneo-tomentoso ou glabrescente de sua panícula, brácteas, bractéolas e cálice, além dos folíolos glabras ou esparso-pubescentes.

Ducke (1953), confundiu a presente espécie com **D. brasiliensis**, que é uma planta amazônica bem distinta pelos seus frutos menores e pelas inflorescências com ramos laxos e flexuosos.

10. **Diplotropis martiusii** Bentham, Comm. Leg. Gen.: 24. 1837.

Dibrachion riparium Spruxe ex Benth., Mart. Fl. Bras. 15(1):321. 1861. **pro syn.**
Bowdichia martiusii (Benth.) Ducke, Arch. Jard. Bot. Rio de Janeiro, 3:131. 1922.

Tipo: **Martius s/n.** "In sylvis Tapurensibus provinciae Rio Negro", Brasil. XII. 1819. I. 1820 (lectótipo M. isolectótipos BR, LE).

Nome vulgar: Sucupira e sucupira-do-baixo (AP - Brasil); sucupira-de-igapó(AM - Brasil) sucupira-de-várzea, sapupira-de-várzea, sapupira e faveira (PA - Brasil); chontaquiro (Loreto - Peru).

D. **martiusii** é a espécie hileana de maior dispersão. É freqüente nas matas de várzea e igapó das margens de rios e riachos, desde a região do estuário do rio Amazonas até o extremo ocidental (Amazônia peruana) e noroeste (Amazônia venezuelana e colombiana). Recentemente, foi também encontrada nas matas de igapó da região de Tabajara (Mato Grosso).

É uma espécie facilmente reconhecida pelos seus frutos nucóides de consistência lenhosa e pelas flores robustas.

A coleção típica está depositada no herbário de Munique (M), e consta de duas amostras provenientes de Tapurá. Aqui, elas foram classificadas como síntipos e escolhida a coleção **M 14230** como lectótipo.

Seção II. **Racemosae**

11. **Diplotropis duckei** Yakovlev, Journ. Arn. Arb. 52(4):694. 1971.

Bowdichia racemosa var. **parvifolia Ducke**, Arch. Inst. Biol. vegetal 4(1):20. 1938. Tipo: **A. Ducke s/n.** Manaus, Amazonas, Brasil. 23.XI.1931 (Holótipo RB, isótipos A, F, MG, NY, R).
Diplotropis racemosa var. **parvifolia** (Ducke) Ducke, Bol. Tecn. Inst. Agron. Norte 18:151. 1949.

Tipo: **A. Ducke 1461**. Estrada do Aleixo, Manaus, Amazonas, Brasil. 11.XII.1943 (holótipo LE, isótipos F, MG, NY, RB, UC, US); **A. Ducke s/n.** Manaus, Amazonas, Brasil. 23.XI.1931 (parátipo RB, isoparátipos A, F, MG, NY, R); Ibidem, 13.I.1932 (parátipo RB, isoparátipos A, F, MG, NY; R).

Nome vulgar: Sapupira (AM - Brasil).

Espécie ocasional nas matas de terra firme dos arredores de Manaus, intimamente relacionada com **D. racemosa**, da qual é distinta pela inflorescência em panícula corimbosa, pelos folíolos geralmente menores e pelos frutos papiráceos ou membranáceos.

O presente táxon foi inicialmente descrito como **Bowdichia racemosa** var. **parvifolia**. Posteriormente, foi transferida para o gênero **Diplotropis** (Ducke, 1949) e, finalmente, elevada à categoria de espécie com um novo nome.

O parátipo (**Ducke 64**), citado por Yakovlev é o mesmo tipo de **D. racemosa** var. **parvifolia** e que posteriormente, por equívoco, suas duplicatas foram incorporadas aos herbários americanos e europeus com um novo número de coleta. Este material compreende duas coleções datadas de 23.XI.1931 e 13.I.1932, que mais tarde foram incluídas na mesma exsicata.

12. **Diplotropis racemosa** (Hoehne) Amshoff, Meded. Bot. Mus. Utrecht 52: 43. 1939.

Esta espécie está intimamente relacionada com **D. duckei**, da qual é distinta pela inflorescência racemosa, pelos folíolos maiores e pelos frutos cartáceos, coriáceos ou lenhosos e oblongos ou suborbiculares.

Apesar da pequena variabilidade dos caracteres florais e vegetativos, o exame da morfologia do fruto mostrou dois grupos perfeitamente distintos. Tais caracteres são constantes em populações alopátricas e foram usados para distinguir dois táxons infraespecíficos.

Chave para identificação das variedades de **D. racemosa**:

1. Fruto oblongo ou estreito-oblongo, densamente reticulado e de consistência cartácea ou coriácea.

12A. **D. racemosa** var. **racemosa**.

1'. Fruto suborbicular, liso ou levemente rugoso e de consistência lenhosa.

12B. **D. racemosa** var. **rosae** Lima.

12A. **Diplotropis racemosa** var. **racemosa** (Hoehne) Amshoff.

Bowdichia racemosa Hoehne, Comm. Linh. Telegr. Mato Grosso Amaz. Anexo 5. Bot. 8:55. 1919.

Diplotropis racemosa var. **kaieteurensis** Amsh., Bull. Torr. Bot. Club 75 (4):393. 1948, **syn nov**. Tipo: **B. Maguirre & Fanshwe 23294**. Kaieteur Savanna. Guiana. 2. V. 1947 (holótipo NY, isótipos F, GH).

Tipo: **J. G. Kuhlmann 389**. Rio Sumidouro, afluente do Rio Arinos, Mato Grosso, Brasil IX.1914 (holótipo R).

Árvore pequena ou mediana, raramente de grande porte, (6-) 10-40 m de altura;tronco com 20-120 cm de diâmetro. Fruto samaroide, oblongo ou estreito-oblongo, densamente reticulado, cartáceo ou coriáceo, 4,5-7,5(-9) cm de comprimento e 2,2-3 cm de largura; Sementes com 1,7-2,6 cm de comprimento e 1,2-1,5 cm de largura.

Nome vulgar: Sucupira do campo (PA - Brasil); sucupira de morcego (AP e MT-Brasil);sapupira (PA - Brasil).

Esta variedade é ocasional nas formações savanícolas (campos, campinas amazônicas e cerrados) desde o norte da Amazônia até o sul do Pará e norte de Mato Grosso. Encontrada, também, nas matas ciliares e nos bordos das savanas das regiões elevadas do território Amazonas (Venezuela) e de Kaieteur (Guiana).

D. racemosa var. **kaieteurensis** é idêntica a variedade típica. O material (**Ducke s/n** - RB 24058) citado e utilizado por Amshoff (1948) para estabelecer as diferenças entre as variedades, pertence à **D. duckei**.

12B. **Diplotropis racemosae** var. **rosae** Lima, Bradea 3 (24): 192. 1981.

Tipo: **N. A. Rosa 531**. Rio Boia, afluente do rio Jutaí, Amazonas,Brasil,07.IX.1975 (holótipo IAN, isótipos INPA, RB); **W. A. Rodrigues 8668**. Ponto da Bolívia, Manaus, Amazonas, Brasil. 27.I.1970 (Parátipo INPA, isoparátipo MG).

Árvore pequena ou mediana, raramente de grande porte, 6-15(-20) m de altura; tronco com 10-50 (-100) cm de diâmetro. Fruto nucoide, suborbicular, liso ou levemente rugoso, lenhoso, 5-6 cm de comprimento e 4-4,5 cm de largura. Sementes com 2,5-3 cm de comprimento e 1,5-1,8 cm de largura.

Nome vulgar: Sucupira (AM - Brasil).

Esta variedade é ocasional nas matas de terra firme e capoeiras da Amazônia Central (Manaus e região do rio Jutaí).

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pela bolsa concedida ao autor e aos Curadores dos herbários pelo empréstimo do material.

SUMMARY

In this work the infrageneric taxa of ***Diplotropis*** *Benth. (LEG. FAB.) - Tribe Sophoreae* ***s. lato*** *are analised and discussed. A new section (Sect.* ***Racemosae*** *Lima) is described and keys for identification of the sections, species and varieties are provided.*

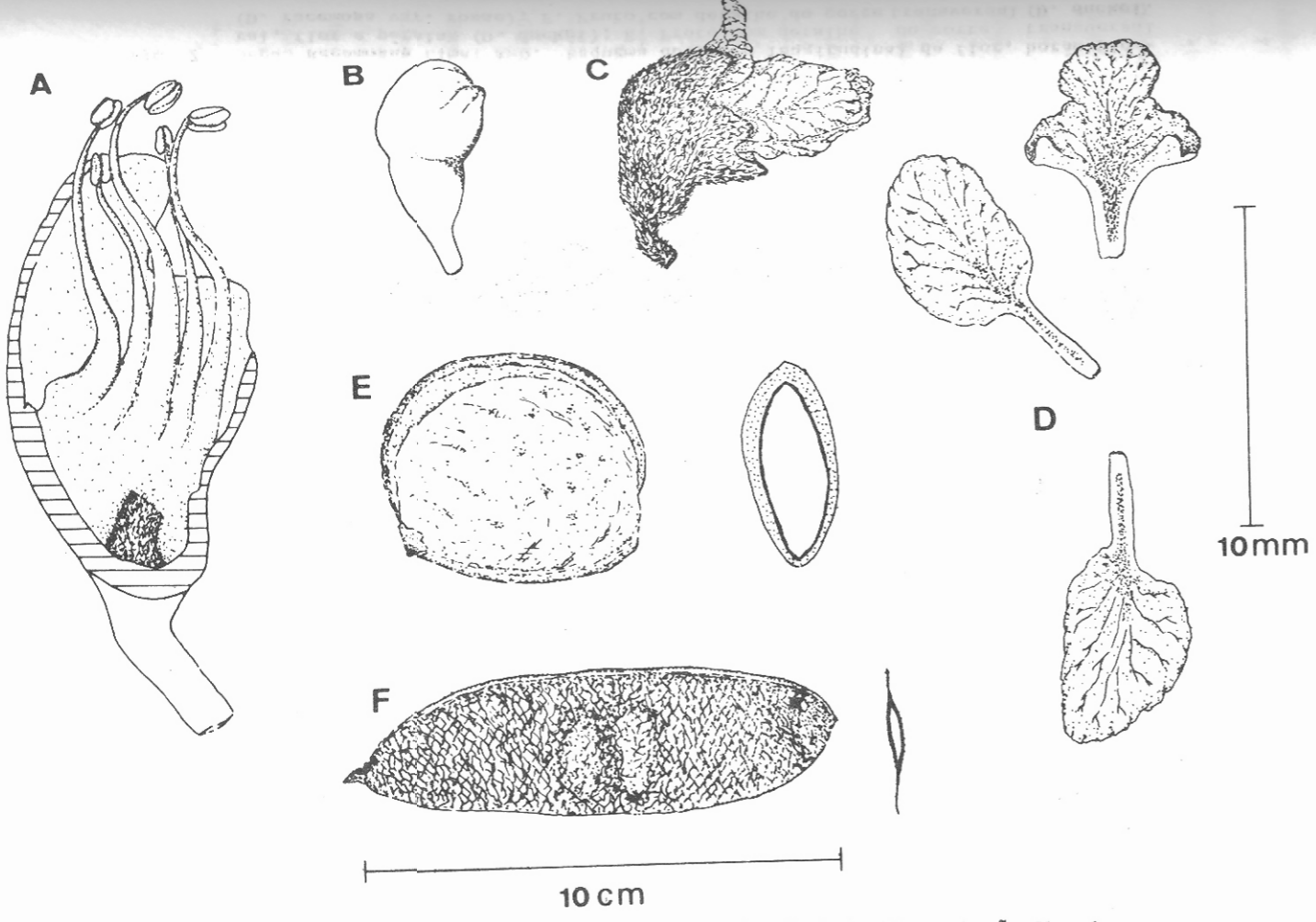

FIG. 1. Seção Diplotropis: A-D. Esquema do corte longitudinal da flor, botão floral, flor e pétalas (D. **brasiliensis**); E. Fruto com detalhe do corte transversal (D. **martiusii**); F. Fruto com detalhe do corte transversal (D. **purpurea** var. **leptophylla**).

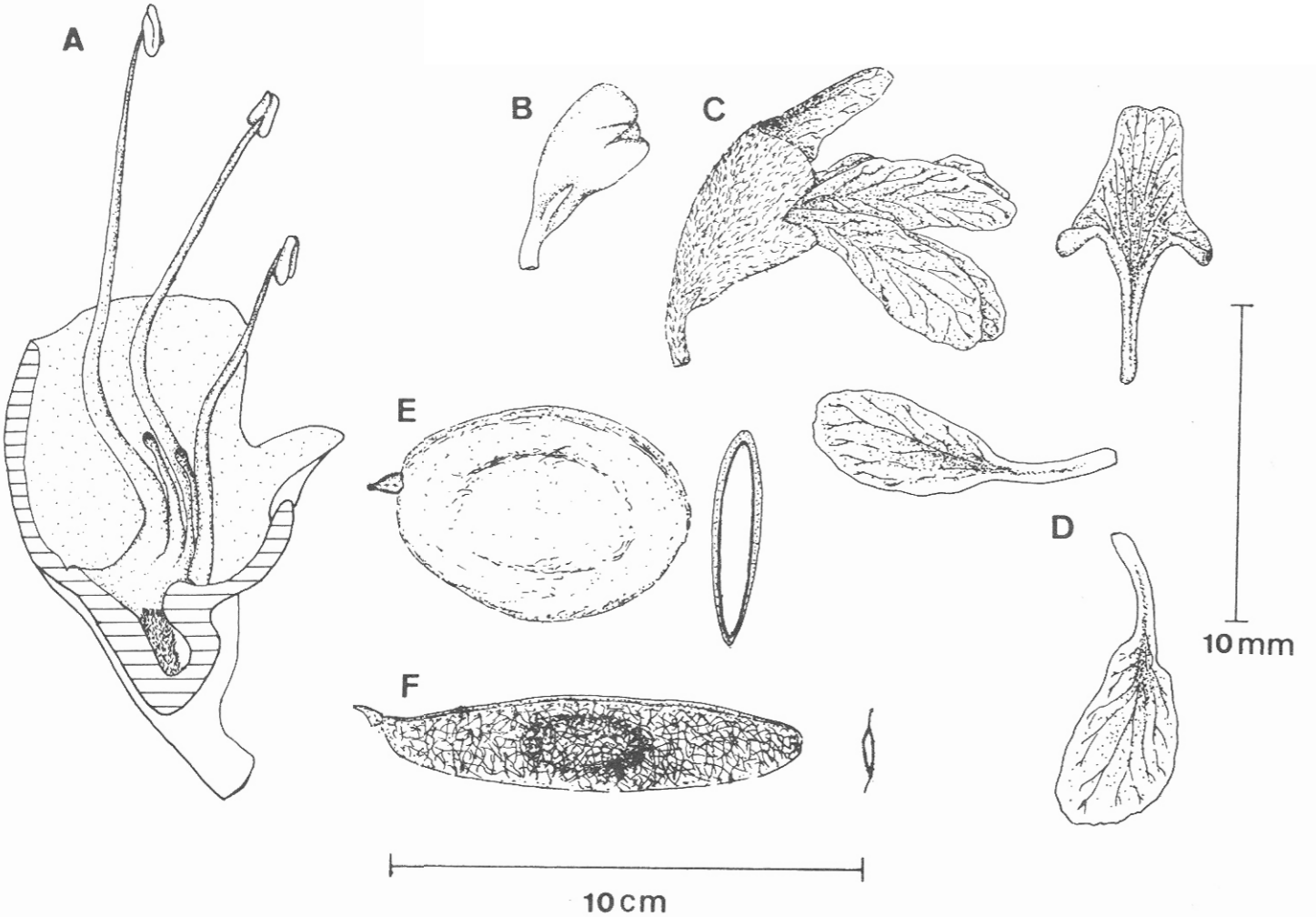

FIG. 2. Seção **Racemosae** Lima: A-D. Esquema do corte longitudinal da flor, botão flo - ral, flor e pétalas (D. **duckei**); E. Fruto com detalhe do corte transversal (D. **racemosa** var. **rosae**); F. Fruto com detalhe do corte transversal (D. **duckei**).

Referências bibliográficas

Amshoff, G. J. H. - 1939. On the South American Papilionaceae. **Meded.Bot.Mus. & Herb. Rijk. Utrecht**, 52: 1-178.

---- - 1948. Papilionaceae. Plant Explorations in Guayana in 1944, Chiefly to the Tafelberg and the Kaieteus plateau. IV. **Bull Torr. Bot. Club**, 75: 392-396.

Andrade-Lima, D. - 1966. **Vegetação in Atlas do Brasil**. II. Conse. Nac. Geografia.

Bentham, G. - 1937. **Comm. Leg. Generibus**. Wien. 121 p.

---- - 1862. Leguminosae Papilionaceae. **Mart. Flo. Bras.**, 15: 1-350.

Cowan, R. S. - 1958. Leguminosae - Lotoideae. The Botany of the Guayana Highland. Part III. **Mem. New York Bot. Gard.**, 10: 150-153.

Ducke, A. - 1915. Plantes nouvelles ou peu connues de la région Amazonienne.**Arch.Jord. Bot. Rio de Janeiro**, 1: 7-59.

---- - 1922. Plantes nouvelles ou peu connues de la région Amazonienne (II partie).**Arch. Jard. Bot. Rio de Janeiro**, 3: 3-281.

---- - 1930. Plantes nouvelles ou peu connues de la région Amazonienne (IV série).**Arch. Jard. Bot. Rio de Janeiro**, 5: 99-188.

---- - 1938. Plantes nouvelles ou peu connues de la région Amazonienne (X série). **Arq. Inst. Biol. Veg.**, 4 (1): 1-64.

---- - 1949. As Leguminosas da Amazônia Brasileira, 2. ed. **Bol. Tecn. Inst. Agron. Norte**, 18: 1-248.

---- - 1953. As leguminosas de Pernambuco e Paraíba. **Mem. Inst. Osw. Cruz**, 51:417-461.

Gleason, H. A. - 1933. Fabaceae. Plantae Krukovianae. **Bull. Torrey Bot. Club**, 60: 355-356.

Harms, H. - 1901. Leguminosae. **Dalla Torre & Harms Genera Siphonogamarum**,3: 212-246.

Lima, H. C. de - 1981. Contribuição ao estudo do gênero **Diplotropis** Bentham (Leguminosae - Faboideae). **Bradea**, 3 (24): 187-192.

Macbride, J. F. - 1943. Flora of Peru. **Field Mus. Nat. Hist. Bot.**, 13: 1-507.

Rodrigues, W. A. - 1974. Subsídios para o estudo das leguminosas da Amazônia. **Acta Amazonica**, 4(2): 7-13.

---- - 1972. De tribu Sophoreae Spreg. Fabacearum Notulae Systematicae. **Novosti Sist. Vyssh. Reast.**, 9: 197-203.

(Aceito para publicação em 31.05.84)